

Serviço Escola de Psicologia: Um Fazer Possível Como Rede De Atendimento

Marisa do Nascimento Pigatto¹

Tatieli Peixoto Signori²

Ligia Carangache Kijner³

Resumo

Esse artigo é um relato de experiência do trabalho em rede, enquanto profissionais que atuam junto ao estágio profissionalizante no Serviço Escola do Curso de Psicologia, de uma Universidade do Rio Grande do Sul. A rede inicia a partir do “encontro” entre as pessoas, no atendimento junto à população. Nesse sentido, o Serviço Escola do curso de psicologia é um sistema de atendimento social, uma parte da rede, pois ocorre o encontro das pessoas, as que buscam o atendimento e as que fazem este. Dessa forma, apresentamos uma solicitação, que veio através da família, para atendimento de uma idosa, no referido Serviço. Observamos que a rede é movimento e, nós seres humanos, somos seus representantes, então o trabalho ali acontece efetivamente, quando ocorrem ações acolhedoras e comprometidas na melhora da saúde mental da população que busca por este serviço.

Palavras-chave: Atendimento em rede; clínica escola; compromisso.

¹ Psicóloga e Professora Universitária. Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos); Especialista em Clínica Ampliada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen/ RS; Especialista em Terapia Sistêmica Individual, Conjugal e Familiar pelo Centro de Estudo da Família e do Indivíduo (CEFI), Porto Alegre / RS; Formação na abordagem Sistêmica pelo Centro De Estudos e Atendimento em Terapia Familiar e de Casal (ELO), Passo Fundo/ RS. E-mail: marisa@uri.edu.br

² Psicóloga e Orientadora profissional. Especialista em Terapia Sistêmica Individual, Conjugal e Familiar pelo Centro de Estudo da Família e do Indivíduo (CEFI), Porto Alegre / RS. Especialista em Orientação Profissional de Carreira e para Aposentadoria pelo Instituto do Ser em Florianópolis/SC. E-mail: tatielisignori@yahoo.com.br

³ Psicóloga e Professora; Especialista em Psicologia Clínica e em Terapia Sistêmica, individual, conjugal e familiar pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI); Aperfeiçoamento Especializado em Terapias Comportamentais Contextuais de Terceira Geração, pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI e Centro Integral de Terapias Contextuais (CIPCO)). É psicóloga da Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, atuando na Coordenação do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Escola de Saúde Pública-RS, na área de Saúde Coletiva, Ênfase em Dermatologia Sanitária.

Service School of Psychology: A Possible Making as a Service Network

Abstract

This article is a network experience report, as an educator and professional internship supervisor at the Clinical School of Psychology Course, of a university in the state of Rio Grande do Sul. The network starts from the “encounter” between people. Seen in these terms, the Clínica School of Psychology Course is a network attending the population, since it is where the meeting of people occurs, of those that seek care and of those who give it. I emphasize that the meeting here quoted is to do, to keep up with the demand that gets in that space. In this case I present a request that came through the family, to care for an elderly. The network is moving and we are their representatives, then work there happens if we develop, in this significant space for the improvement of everyone’s quality of life, committed actions.

Keywords: *Social networks; school clinic; commitment.*

Introdução: onde tudo começou...

“Não conseguimos nada sozinhos neste mundo, e o que quer que aconteça é o resultado da tapeçaria completa da vida e de todos os nós individuais tecidos uns nos outros que criam algo”.

Sandra Day OConnor

Este artigo, em formato de relato de experiência, enfatiza o desejo que impulsionou a escolha desta temática: Atendimento em Redes Sociais, a partir da busca do Serviço da Escola do Curso de Psicologia de uma Universidade do Rio Grande Sul. Salientamos que vivemos em grupos, somos seres gregários, precisamos uns dos outros. Nesse sentido, é fundamental buscarmos um conhecimento maior sobre o trabalho em rede, a interdisciplinaridade, pois frequentemente ouvimos falas como: “a rede não funciona”. Essa situação trouxe alguns questionamentos: Como definimos rede? O que corresponde à rede?

Os objetivos desejados e as contribuições esperadas com esse estudo visam provocar nos sujeitos, em especial aos que representam a rede, reflexões para um fazer devidamente comprometido com o seu papel. Essa temática é importante de ser discutida para pensarmos o bom funcionamento do trabalho em rede, desde a acolhida do sujeito que busca esses locais até a melhor resolução da demanda apresentada.

Questionamentos... Problematizações... É necessário trazer presente essas questões, pensando no compromisso social das práticas dos/as psicólogos/as, que

nas palavras de Guazina (2014, p. 6), quando traz que “falar de uma prática comprometida socialmente significa falar de uma atuação implicada com o contexto em que vivemos e que busca a transformação da vida”. Nesse sentido, para o desenvolvimento de um trabalho compromissado, responsável e ético, o autor supracitado (p. 8) descreve que: “o fazer profissional está relacionado à construção de práticas comprometidas com a transformação social, em direção a uma ética voltada à emancipação humana, à defesa da democracia e das políticas públicas como elementos centrais para a melhoria da qualidade de vida da população, à participação política e aos movimentos de rompimento da profissão com sua tradição elitista”.

O presente artigo tem como percurso metodológico, um relato de experiência. Na sequência, a revisão da literatura, fundamentação do trabalho, em que estão sistematizadas questões relacionadas ao Sistema, à Interdisciplinaridade, à Teoria sistêmica familiar, às Redes Sociais de Atendimento, à Clínica Escola (teoria e prática) e à Escola (educação formal).

Em seguida apresentamos o Diálogo: teoria e prática, que é o relato de experiência com fundamentação teórica, em que discutimos sobre a experiência vivida, fundamentada por autores importantes em relação ao estudo dessa temática. Concluindo, com as considerações finais e as referências que orientaram essa escrita.

Percurso metodológico: caminho...

Esse estudo consiste em um relato de experiência acerca do trabalho vivenciado nos anos de 2013 – 2014 como equipe do Serviço Escola de uma Universidade. Para Santos (2011), o relato de experiência precisa apresentar história informativa e como ela se reflete em situações mais gerais. E para Barbosa (2015), “a relevância de um relato de experiência está na pertinência dos problemas que nele se expõem, assim como o nível de generalização na aplicação de procedimentos ou de resultados da intervenção em outras situações similares, ou seja, serve como uma colaboração à práxis metodológica da área a qual pertence”. (p.1). A sistematização desse processo ocorre a partir da chegada do paciente no Serviço de Psicologia, neste caso, o encaminhamento de uma senhora idosa por seus familiares.

Escritos teóricos

1. Sistema... interdisciplinaridade... teoria sistêmica familiar

Sistema é um conceito que está em todos os campos da ciência e na vida da população, nos meios de circulação em massa. Dessa forma, o homem, jun-

to com a tecnologia, foi levado a pensar em termos de “sistemas”. Exemplo: máquinas a vapor, automóvel, receptor de rádio eram de competência de um engenheiro treinado na respectiva especialidade, mas quando chegavam os mísseis construídos pela reunião de componentes originados em tecnologias heterogêneas como mecânicas, eletrônicas, químicas, etc. tem que acontecer um trabalho abrangente. (Bertalanffy, 2010).

As relações entre o homem e a máquina passam a ter importância e entram também em jogo inúmeros problemas financeiros, econômicos, sociais e políticos. (Bertalanffy, 2010). Cada vez mais isto tem que ser “olhado”, pois surgem muitos problemas na produção, comércio e armazenamento, com isto exige a necessidade de “pensar” no sistema, pois repercutem na população.

Salientamos que a teoria Geral dos sistemas é uma ciência da totalidade. Ela foi lançada por Bertalanffy (1901-1972)³ trazendo, que os sistemas provocam comportamentos ou situações críticas, e uma vez que isso acontece não voltará à condição original. É fundamental estudar o sistema como uma entidade e não como um aglomerado de partes, conforme a intenção da ciência contemporânea, que não isola mais os fenômenos em contextos estreitamente limitados, mas abre-se ao exame das interações e pesquisa setores da natureza cada vez maiores (Cruz, 2000). Isso implica uma fundamental reorientação do pensamento científico.

Segundo Osório (2013), para dar sequência à evolução do pensamento científico não é mais possível, em qualquer área do conhecimento humano não levar em conta “os subsídios desse novo enfoque, que corresponde ao que denominamos padrão de retroalimentação (ou *feedback*), que questiona o determinismo cartesiano calcado no lógica da causa e efeito” (p.9).

Praticamente, ao mesmo tempo do desenvolvimento do trabalho do Bertalanffy, o estadunidense Wiener (1894-1964) lançou o livro: Cibernética (1948). Fruto de estudos da interdisciplinaridade entre a matemática, antropologia, psicologia, neurologia, física, biologia, etc. Ele nos diz que cibernética é uma ciência que trata dos processos de comunicação (transferência de informação) e controle dos sistemas vivos e não vivos (máquinas), a partir dos quais se elaboram os princípios da informática e da inteligência artificial.

Antes de discorrer mais sobre a cibernética, salientamos para a interdisciplinaridade de um modo geral, que segundo Ferreira (2001) é necessário voltar olhares para a civilização a que se pertence, pois ela tem apresentado a natureza como algo isolado do homem. Inventou nas mentes um mundo em que os

³ Biólogo Austríaco, autor da Teoria Geral dos Sistemas e unanimamente reconhecido como um dos teóricos pioneiros dos sistemas.(CRUZ, 2000).

fatos, os fenômenos e a existência são fragmentados, separados, e a consequência disso é representada pela angústia, pela falta de compreensão da totalidade, pelo receio e pelo sofrimento.

No entanto, nem sempre foi assim. Essa mesma civilização que se desenvolveu entre os gregos do século VI a.C. percebia o mundo e o que fazia parte dele como uma totalidade. Nessa cultura, existia o conhecimento, a investigação do fenômeno na totalidade e, também, chamava-se de *physis* todo e qualquer ser.

E é nessa volta às raízes, que ressurgem da visão holística de mundo, a constituição e a essência da interdisciplinaridade. Ser interdisciplinar, então, é ter ciência de que o universo é um todo e que se faz parte dele, como fazem parte do mar as suas ondas. A interdisciplinaridade pode ser entendida como a ação de troca, de reciprocidade entre as áreas do conhecimento (Ferreira, 2001).

A interdisciplinaridade, como inquietação de unidade, surgiu no século XIX, tendo como objetivo encontrar alternativa para superar a visão dicotômica e fragmentada originada por uma compreensão de cunho positivista. As ciências tinham se dividido em várias disciplinas e não existia um diálogo entre elas, fragmentando com isso “[...] também o conhecimento, que é uma produção cultural da sociedade” (Souza, 2002, p. 51)

Ainda, conforme a autora, em meados do século XX, principalmente pelas grandes mudanças que ocorreram na tecnologia e nos meios de comunicação, surge um novo “modelo” em relação às formas de produção, de modo que as informações não ficavam mais acumuladas.

Fazenda (2002) afirma que a interdisciplinaridade caracteriza-se

[...] por uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou, melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados, dependendo basicamente de uma atitude cuja tônica primeira será o estabelecimento de uma intersubjetividade. A interdisciplinaridade depende então, basicamente, de uma mudança de atitude perante o problema do conhecimento, da substituição de uma concepção fragmentária pela unitária do ser humano (p. 31).

As ciências humanas, por trabalhar com seres humanos, têm propensão para apresentar efeitos mais complexos e satisfatórios, quando trabalham interdisciplinarmente, de maneira a abarcar os vários aspectos simultâneos e sucessivos dos fenômenos estudados (Machado *et al.*, 1976).

Retornando à Cibernética, essa diz do modo como a informação circula e se organiza, bem como a forma para controlar esses processos e governá-los. O

conceito de retroalimentação ou Feedback é fundamental nessa teoria; ele se refere à maneira como um sistema consegue a informação necessária para efetuar suas ações. Sendo, portanto, feedback negativo: o que reduz as perturbações, permitindo ao organismo diminuir o desvio e voltar ao estado de equilíbrio, ou seja, mantém a homeostase e feedback positivo: o que aumenta os desvios, favorecendo o desenvolvimento, a aprendizagem e a evolução do sistema, ou seja, promove a morfogênese.⁴ (Bruscagnin, 2010).

Para a mesma autora, o desenvolvimento das ideias sistêmico-cibernéticas, que se estendeu para outras áreas do saber científico, faz parte de uma mudança paradigmática que ressalta o papel do contexto para a compreensão das questões humanas, entendendo que o indivíduo está sempre se relacionando. Nesse sentido, os sistemas de cada pessoa deixaram de ser compreendidos como só dela, e passaram a ser vistos como parte e produto das inter-relações dentro do contexto em que está inserida. Trazendo para a família entendemos como um Sistema aberto em constante interação com o meio.

É importante ressaltar que a cibernética de Primeira Ordem está ligada à engenharia da comunicação e às ciências da automação e da computação e que se divide em: Primeira e Segunda Cibernética. Sendo que a primeira traz sobre aprender objetivamente uma verdade sobre os outros e o mundo. Isso refletiu na psicoterapia com a postura do terapeuta sendo visto como o experts e condutor da família. Na segunda Cibernética, o foco da terapia passou a serem as relações, e não mais o sintoma, dado que ele seria tão somente um sinalizador de que algo familiar não ia bem. Já a Cibernética de Segunda Ordem surgiu quando a cibernética passou a si mesma como objeto de estudo. O observador passou a ser incluído no fenômeno, sendo o terapeuta um facilitador. Nesse sentido, ocorreram mudanças epistemológicas nas ciências que, como um todo refletiu na forma de atendimento terapêutico como já salientado acima. (Bruscagnin, 2010).

O mesmo autor descreve acerca dos estudos do Antropólogo inglês Gregory Bateson (1904 – 1980), que trabalhava com um grupo multidisciplinar em pesquisa sobre comunicação com pacientes esquizofrênicos e que, a partir disso, trouxe as ideias de cibernética para a terapia familiar. Esse estudo culminou na concepção que os “sintomas esquizofrênicos seriam expressões de angústia relacionada ao duplo vínculo”, que é a “comunicação paradoxal da família com o membro esquizofrênico” (p. 51).

4 Morfogênese: característica dos sistemas abertos que absorvem inputs do meio e mudam sua organização; autotransformam-se. A família tem um grande potencial de mudança seja em sua estrutura, seja em sua funcionalidade, podendo adquirir uma configuração nova e qualitativamente diferente da anterior.

Bateson conheceu Wiener e seu trabalho em conferências entre os anos de 1946 e 1953, em Nova York. Cientistas de diversas áreas do conhecimento procuram “definir bases para uma ciência geral do funcionamento da mente humana” (Bertalenffy, 2010, p. 50). Então, Bateson trouxe para o sistema familiar a definição de circularidade, pela qual a mudança em uma pessoa sempre modifica o sistema. (Bruscagnin, 2010).

Para Bruscagnin (2010) quando se trabalha clinicamente, a definição de um sistema pelos terapeutas depende do foco de atenção dado por ele ao atendimento, bem como do que acredita ser o problema e do modo como ele e a família pretendem agir. O importante é saber que todas as escolas de terapia sistêmica, independente de seu foco principal e de suas definições clínicas, possuem em comum a compreensão e a leitura sistêmica de acordo com os preceitos básico da teoria geral dos sistemas. Ela defende que:

Compreender o mundo e a vida, encontrar novas alternativas, trazer a tona os recursos dos sujeitos envolvidos no sistema. Como o todo e as partes se relacionam, interagem e se mantêm. É buscar semelhanças e diferenças, não certas e erradas. Ver a realidade de uma forma holística, ecológica e circular. Formas diferentes de compreender a realidade na psicoterapia e trabalhar com ela (Bruscagin, 2010, p. 53).

É fundamental conceituar a terapia sistêmica familiar. Esta é uma abordagem integradora, na medida em que não parte de uma linha única, e percebe o indivíduo como parte de um sistema que é a família, em que todas essas partes interagem entre si, se complementam e se influenciam. Nesta o todo é maior que a soma das partes. Desta forma, o terapeuta nesta abordagem precisa compreender a circularidade, ou seja, que uma observação, um acontecimento não tem uma única causa, assim como uma causa tem vários efeitos (Cerveni & Berthoud 2002, apud, Baptista & Teodoro, 2012).

Então, não basta só entender a família como um sistema, é preciso aprender a pensar sistemicamente, na medida em que os questionamentos de intervenção precisam fazer o sujeito refletir. Segundo Minuchin (1990), a teoria da terapia familiar esta “fundamentada no fato de que o homem não é um ser isolado. Ele é um membro ativo e reativo de grupos sociais. O que experiência como realidade depende de componentes tanto internos como externos” (p.12). Ele entende a família como um organismo, sendo esse um “sistema complexo formado por subsistemas os quais são formados por indivíduos ou mais pessoas e se agrupam por geração, sexo, interesse ou função. Cada indivíduo, portanto pertence a diferentes sistemas, conforme os papéis que desempenha”. (p. 40).

Ainda o mesmo autor ressalta que: “vejo a família como um mosaico – um quebra-cabeça no qual cada indivíduo define os outros e o todo define o self, como um desenho de Escher em que o final também é o início. As partes enriquecem o todo e o todo enriquece as partes”. (p. 49).

2. Redes sociais

Para Sluzki (1997), o conceito de redes sociais foi desenvolvido de forma acumulativa, porém não sequencial por um grupo de autores. Nesse sentido, ele traz alguns desses autores, tais como: Lewin (1952) quando trouxe sobre “as variáveis centradas nas relações sociais informais” (p.40); Jacob L. 1) que criou o psicodrama, apresentando e ampliando a psicologia geográfica e o sociograma para traçar um mapa de redes de relações, ressaltando quem as pessoas conhecem em grupos e em comunidades; Barnes (1954, 1972) trouxe contribuições acerca das redes formais e informais, familiares e extrafamiliares ressaltando sobre os vínculos sociais extrafamiliares na vida cotidiana; Bott (1957) desenvolveu sobre a interação informal da rede familiar extensa fazendo a diferenciação em relação a composição da rede, a estrutura da rede e os conteúdos das interações; Autores como Speck, (1987) e Rueveni (1979) trabalharam de maneira inovadora combinando “reuniões terapêuticas a família extensa com a rede informal de relações, para o manejo de pacientes em crise.(p.40)

A rede social pessoal pode ser definida como:

A soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou que define como diferenciadas na massa anatômica da sociedade. Essa rede corresponde ao nicho interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para o seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua autoimagem. Constitui uma das chaves centrais da experiência individual de identidade, bem-estar, competência e agenciamento ou autoria, incluindo os hábitos de cuidado da saúde e a capacidade de adaptação em uma crise (Sluzki, 1997, p. 41e 42).

Conforme Sluzki (1997), as funções da rede social de maneira geral incluem: Companhia social, apoio emocional, guia cognitiva e conselho, regulação social, ajuda material e de serviços e acesso a novos contatos. Nesse sentido, perceberemos a necessidade de uma boa rede para auxiliar as pessoas em seus cotidianos. Enfim a rede social é fundamental para dar suporte e mais condições de vida saudável para as pessoas.

3. Clínica escola: prática e teoria...

O Serviço Escola faz parte do Curso de Psicologia da Universidade, sendo uma unidade pedagógica e assistencial. A qualidade do atendimento e a responsabilidade integram a forma de pensar e agir de profissionais, estudantes e funcionários que ali desenvolvem seu trabalho. O que ressaltamos a seguir é fundamentado no Projeto Político Pedagógico (2012) e no manual do Serviço Escola do referido curso e universidade.

O trabalho oferecido no Serviço Escola visa contribuir com o compromisso social promovendo saúde e valorização de seus pacientes, motivando os estudantes, futuros profissionais, à prática e à busca contínua de novos conhecimentos. O Serviço Escola tem os seguintes objetivos: Proporcionar aos acadêmicos de Psicologia o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para formação de Psicólogos. Através de Práticas de estágios nos oportunizar diversos cenários da estrutura curricular do Curso de graduação em psicologia; Promover qualificação dos acadêmicos do curso através, de seminários, supervisão acadêmica e local; Oferecer atendimento Psicológico à comunidade externa e interna e permitir o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O acesso ao Serviço Escola se dá pela inscrição do paciente que deve, inicialmente, comparecer trazendo consigo o comprovante de renda familiar e documentos de Identificação. Será realizada uma ficha de cadastro e posteriormente agendada entrevista inicial com a Psicóloga responsável pelo local.

O encaminhamento geralmente é oriundo de diversos locais da rede de atendimento da população como, escolas, hospitais, unidades básicas de saúde, conselho tutelar, CAPS (Centro de Atendimento psicossocial), ministério público e famílias da comunidade, entre outros. Salientamos que a Serviço Escola também é uma das redes de atendimento da população e região.

O trabalho oferecido no Serviço Escola é: entrevista inicial, acolhimento, triagem, psicodiagnóstico e psicoterapia. De acordo com Cordioli (1998), as psicoterapias são métodos de tratamento para problemas de natureza emocional, mediante a utilização de meios psicológicos, estabelece uma relação profissional com a pessoa que busca ajuda, visando assim, remover ou modificar sintomas existentes e promover o crescimento, saúde e desenvolvimento da personalidade. As psicoterapias variam em relação às técnicas que utilizam as teorias nas quais se baseiam e aos objetivos e demandas dos pacientes.

4. Escola: educação formal

A Escola Tradicional e a educação formal são vistas como um tanto ultrapassadas, dando lugar a uma nova pedagogia, um novo modelo de ensino em

todos os níveis. A nova fala sugere que não é suficiente só educar, é necessário aprender a utilizar, de maneira conveniente, os conhecimentos adquiridos.

Ainda, conforme a autora, frente à velocidade das mudanças, os processos de formação continuada tornam-se fundamentais. Assim, para desenvolver melhor esse processo, é preciso estudo fundamentado e envolvido, que promova avanços e ações efetivas na escola, pois somente a experiência não é a garantia de um bom trabalho.

Dessa forma, a educação evidencia-se como dinâmica, para a vida toda e entendeu que a aprendizagem ocorre em todo lugar. Ao mesmo tempo, salienta-se a importância do sistema educacional ter maior flexibilidade, diminuindo o insucesso, tendo menor desperdício de recursos humanos e materiais. Ao que aparenta, é necessário buscar maneiras de resolver no e pelo sistema educacional, o que ele sozinho não consegue solucionar (Shiroma *et al.*, 2000).

Assim, na modernidade, é fundamental deixar as certezas de lado e viver na dimensão da incerteza e do que é provisório. Nesse enfoque, a manifestação da busca exigente pode ser o principal ensinamento a deixar para os educandos. E o grande desafio dos educadores, bem como dos educandos é aprender a conviver nesse contexto (Cunha, 2006).

Segundo aponta Lima (1984), “é preciso repensar o processo educacional. É preciso preparar a pessoa para a vida e não para o mero acúmulo de informações” (p. 5). Ele salienta que são necessárias ações direcionadas ao educando numa compreensão de “pessoa inteira, com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, seus sentidos, sua crítica, sua criatividade [...]” (Lima, 1984, p. 5).

Cumpra salientar que ao educador, segundo Rios (2001),

[...] não basta ser criativo – é preciso exercer sua criatividade na construção do bem-estar coletivo. Não basta se comprometer politicamente – é preciso verificar o alcance desse compromisso, verificar se ele efetivamente dirige a ação no sentido de uma vida digna e solidária. (p. 108)

Diálogos: teoria e prática

A rede inicia a partir do “encontro” entre as pessoas. Nesse sentido, o Serviço Escola do curso de psicologia é uma rede de atendimento da população, pois ocorre o encontro das pessoas, as que buscam o atendimento e as que fazem este. Ressaltamos que o encontro aqui citado é o do fazer para dar conta da demanda que chega nesse espaço. Esse serviço é o ponto de referência para atendimentos psicológicos do município que, pela grande procura por atendimentos,

a unidade básica, entre outros segmentos não supre e, assim os direciona para o Serviço Escola da Universidade.

Para esse estudo, como já salientado, escolhemos uma parte de um caso, dos tantos que chegam para o atendimento. Dessa forma, ressaltamos o quanto a rede são as pessoas que trabalham nesses locais fazendo o que é necessário para atender a demanda que se apresenta.

Ana, nome fictício utilizado neste artigo, buscou atendimento no Serviço Escola para sua mãe, uma senhora idosa. Ela percebeu a necessidade da mãe em obter uma atenção especializada, tendo em vista que a mesma fica grande parte do tempo sozinha queixando-se de dores e demonstrando requerer intensamente a presença dessa filha, dificultando o relacionamento profissional e familiar dessa. Ana não tem disponibilidade de tempo em função do trabalho manifestando dificuldade para atender a mãe idosa, que necessita de um cuidado especial. Ressalto que os demais filhos desta senhora, que chamamos nesse estudo de D. Lala, residem em outras cidades distantes da mãe.

A realidade de filhos adultos que precisam trabalhar e têm que cuidar os pais idosos vem crescendo muito. As pessoas vivem num ritmo de vida cada vez mais acelerado, impulsionadas pelo imediatismo, “corre-corre diário”, produção, entre outros, que acabam dificultando as relações. E, inúmeros estudos demonstram que a população de idosos vem aumentando, demandando mudanças na família e também na sociedade (Lafin, apud Dornelles & Costa, 2003; Felix, 2008; Freitas et. al 2014).

O envelhecimento humano é difícil de ser definido, principalmente na medida em que se busca uma velhice saudável. Todavia, necessita ser compreendida em sua totalidade e múltiplas dimensões. Não se pode deixar de destacar os aspectos biológicos, mas também, deve-se levar em consideração aspectos sociais e culturais. Ou seja, é uma etapa do ciclo de vida que, em decorrência da idade cronológica ter avançado, ocorrem alterações de ordem biopsicossocial as quais interferem nas relações do sujeito com todo o contexto em que vive (Freitas et.al 2010). A família também precisa ser responsável pelo idoso, foi isso que fez a filha de D. Lala, que, pensando em uma forma de cuidado com a mãe, buscou ajuda no Serviço Escola de psicologia.

A rede social pessoal pode ser entendida como um “mapa mínimo” que abarca todos os sujeitos com quem interatua uma determinada pessoa. O mapa pode ser organizado em quadrantes que são: família, amigos, relações de trabalho e escolares, relações comunitárias, de serviço de saúde e, ou religiosas (Sluzki, 1997). Nesse sentido, chamamos a atenção para rede pessoal familiar de D. Lala que se preocupou e buscou ajuda acessando esse espaço de

atendimento: Serviço Escola. Ele integra práticas fundamentadas em teorias que auxiliam a população ali tendida, bem como na construção profissional de seus acadêmicos.

No primeiro momento vimos que seria difícil fazer os atendimentos, pois a estagiária não tinha carro para se deslocar até a residência de D. Lala para realizar os encontros. No entanto, nos reunimos para pensar uma possibilidade, a estagiária disse ser acostumada a andar várias quadras todos os dias e se prontificou para os atendimentos, mesmo com a dificuldade de acesso. Sempre cuidamos dos estagiários para que não corram riscos, isso é vivenciado com responsabilidade e ética.

Percebemos o quão intenso é o comprometimento de toda equipe de trabalho, do Serviço Escola do Curso de psicologia com as pessoas, que buscam ajuda nesse local. Promovem que a pessoa seja acolhida em sua dor, assim percebemos o funcionamento da rede de atendimento como sendo um dos “nós” dessa rede, sendo assim somos vivos e estar vivo é estar em constante movimento, é ser em processo.

Nesse contexto, partilhamos com Freire (1998), a opinião de que estar no mundo significa responsabilizar-se. Isso leva ao compromisso de conhecer-se por completo.

Minha presença *no* mundo, *com* o mundo e *com* os outros implica o meu conhecimento inteiro de mim mesmo. E quanto melhor me conheça nesta inteireza tanto mais possibilidade terei de, fazendo História, me saber sendo por ela refeito. E, por que fazendo História e por ela sendo feito, como ser *no* mundo e *com* o mundo, a “leitura” de meu corpo como a de qualquer outro humano implica a leitura do espaço (Freire, 1998, p. 72-73).

Forster *et al.* (2006) demonstram que a universidade brasileira, atualmente, vem se deparando com vários tipos de desafios, e move-se num debate entre a busca pelo bem da sociedade e o sinal que o mercado envia. Esse panorama provoca a necessidade de inovações⁵ criativas e o desenvolvimento de estratégias em que o assunto predominante tenha como foco a criação e vivências de relacionamentos com responsabilidade mútua entre as pessoas, numa convivência de respeito a si e ao outro.

A terapia de apoio realizada objetivou fortalecer D. Lala e proporcionar que ela possa, sempre que possível, se inserir em atividades que lhe são prazerosas.

5 “Condição de rompimento com acepções ingênuas e caminham no sentido de uma reflexão mais fundamentada, num claro movimento de procura de mudança pedagógica e epistemológica” (FORSTER *et al.*, 2006, p. 53).

O trabalho com esta senhora exigiu estar disponível, que em pequenos gestos e pontuações, demonstrou uma empatia construída, uma relação de confiança e crescimento mútuo.

Segundo Neri (2014), não é possível negar, que na velhice ocorre uma diminuição na rede de relações, o que não significa que os idosos não necessitam dessa rede. A mesma favorece para que se fortaleçam, e saibam que são amados, cuidados e valorizados. E também para que se sintam mais seguros, e, em caso de doença ou algum tipo de incapacidade tenham a quem recorrer, ou seja, recebam apoio afetivo, ou material. Nesta fase, ainda segundo este mesmo autor, ocorre uma “redução adaptativa na intensidade e na variedade das expressões emocionais”, o que favorece a lidar com as perdas e a utilizar da melhor forma suas capacidades. “A regulação emocional, ou equilíbrio entre afetos positivos e negativos, é muito melhor na velhice do que na juventude. Nos velhos existem mais afetos positivos, embora a expressão deles seja menos variada e intensa” (p.103).

Enfim, a velhice por muito tempo foi percebida apenas por limitações de ordem física, devido ao avanço da idade. Não se podem negar as modificações que vêm ocorrendo com o amadurecimento biológico do organismo físico. Com o passar dos anos ocorre a diminuição da capacidade dos órgãos dos sentidos, e de todo o funcionamento do corpo, porém devemos levar em consideração que sua intensidade é vivenciada de forma peculiar por cada sujeito, tendo em vista, as particularidades de cada um (Papalia & Feldman, 2013). E buscamos cada vez mais olhar o envelhecimento humano de outra perspectiva, que assim como todas as etapas do desenvolvimento humano, nesta existem perdas, mas também ganhos, como a sabedoria e a história de vida que eles têm para compartilhar.

E quanto ao olhar da psicologia em qualquer etapa do desenvolvimento humano, e em especial aqui falando da velhice, acreditamos nos ditos do senso comum: “só o que está morto não muda”, enquanto “há vida, há a esperança”. Precisamos crer no sujeito que está ali, e quando dizemos acreditar, estamos nos referindo em vê-los como um ser potencial, com suas idiossincrasias e respeitá-las, que dentro da sua realidade e das suas condições pode encontrar novas formas de vida com mais qualidade, dignidade e autonomia.

Ainda, Minuchin em um de seus livros relata sua própria história de vida familiar e diz que “os profissionais tendem a traçar a linha que separa o terapeuta e o cliente com traços fortes “[...], mas esta é uma distinção altamente artificial” (1990, p.9). O que demonstramos com isso é que precisamos manter a postura profissional, indiferente do contexto em que estamos atuando seja na clínica,

na empresa, escola, ou no domicílio. Precisamos questionar a neutralidade, e entender que crescemos como seres humanos e profissionais nesta relação com o outro, sem perder o olhar de acolhimento e cuidado, e primando pela postura profissional.

Considerações finais: que não são tão finais assim...

Os(as) estagiários(as), acadêmicos(as) do Curso de Graduação em Psicologia têm a oportunidade de realizar atividades que promovem o raciocínio clínico, fundamental para a atuação do profissional em psicologia. Ao mesmo tempo em que essa situação de ensino-aprendizagem é desenvolvida, é oferecido atendimento à população que precisa do mesmo e que se encontra na lista de espera nos serviços de saúde mental do município.

O trabalho no Serviço Escola está em permanente construção, buscando melhorias tanto físicas como, principalmente profissionalizantes. Portanto, sua estrutura e funcionamento devem estar sempre sendo avaliados e discutidos, partindo de sugestões de toda a equipe, com o objetivo de mantê-los como um local de aprendizado, crescimento profissional e pessoal do/a estagiário/a e auxílio à comunidade.

Cabe explicitar nesse momento, que trabalhar com o público idoso, requer em primeiro lugar, disponibilidade para tal, gostar de estar com eles, entendendo que precisam principalmente de atenção, de alguém que os compreenda e permita que os mesmos possam retomar sua autonomia dentro de suas possibilidades. A teoria sistêmica busca isso, olhar para as relações, para a história passada, permitindo refletir no aqui e agora, dentro das possibilidades que se apresentam construir novas histórias e novos caminhos.

Partindo dessa reflexão, é importante dizer que o “olhar” do educador, enquanto supervisor acadêmico, é fundamental para promover a confiança no educando, mesmo num mundo cheio de incertezas e exigências, e, assim ajudá-lo a desenvolver a autonomia conforme suas possibilidades.

O ensinar é algo que necessita ser realizado com estudos, aperfeiçoamento profissional e esperança, pois, diante de tantas dificuldades e erros que insistem em aparecer, é fundamental ter esperança e incluir, em tudo isso, o empenho. De nada adianta pensar na solução para os problemas que se apresentam, se não for feita a ação para que o pensar se torne real. Portanto, ensinar não significa transferir conhecimentos, mas ver e criar possibilidades para a própria produção ou construção desse saber. Que, nesse caso, é traduzido no fazer em rede, sendo a rede viva, pois somos seus representantes, então ela funciona e funcionará

se nós seres humanos, “funcionarmos” nesse espaço, tão significativo para a melhoria da qualidade de vida de todos.

No entanto, entendemos o quanto é difícil, em alguns casos fazer encaminhamentos efetivos, acompanhando o desenrolar da situação. Mas acreditamos que a implicação de estar envolvido com trabalhos, que atendem a população é de responsabilidade, por isso temos o compromisso de rever sempre nossa função de representar, a rede de atendimento, que no caso, é o Serviço Escola do Curso de psicologia, que dialoga com outros espaços do município e região. Salientamos que sempre podemos fazer algo, mesmo que este não seja o ideal, mas é o que pode ser feito no momento da demanda. E como seres em processo, para finalizar esse estudo, compartilhamos com a seguinte fala: “O senhor... mire e veja que o mais importante e bonito do mundo é isto, que as pessoas não estão sempre iguais, não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando” (Rosa, 2001, p.39).

Assim, o trabalho em rede se torna efetivo, na medida em que o mudar seja compreendido com o avanço em um fazer, o fazer das pessoas que representam a rede, ou seja, as que trabalham nas redes de atendimento a população. No entanto esse fazer precisa ser comprometido, ético e responsável pela promoção da vida saudável.

Referências

- Baptista, M. N.; & Teodoro, M. L. M. (2012). *Psicologia da Família teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: Artmed. Retirado em 20/06/2014, de: <<http://books.google.com.br/books?id=l8Wa6yl8HGcC&pg=PA182&lg>>
- Barbosa, L. M. (2015). *Associação brasileira de tecnologia educacional*. Retirado em 15/05/2015, de www.abt-br.org.br/blog/?p=282.
- Barness, J. A. (1954) Class and committees in a Norwegian island. *Parish. Human Relations*, 7(1), p.39-58,1954.
- Bertalanffy, L. (2010). *Teoria geral dos sistemas: fundamentos, desenvolvimento e aplicações*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bott, E. (1957). *Family and social networks: roles, norms and external relationships in ordinary urban families*. Londres: Tavistock Publications,1957.
- Bruscagin, C. B. (2010). Terapia familiar sistêmica. *Psicoterapias*. São Paulo, Edição Especial, n. 4. p. 37 – 65.
- Cordioli, A. V. (1998). *Psicoterapias abordagens atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cunha, M. I. (2006). A formação de professores como problema: natureza tem-

- poralidade e cultura. *Cadernos de Educação*. Pelotas, RS: UFPEL, a. 15, n. 27, jul. dez.
- Cruz, H. M. (2000). *Pai, mãe, você e eu?* São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dornelles, B.; Costa, G. J. C. (2003). *Investindo no Envelhecimento Saudável*. Porto Alegre: EDIPUC.
- Fazenda, I. C. A. (2002). *Interdisciplinaridade um projeto em parceria*. São Paulo: Edições Loyola.
- Felix, J. S. (2014). *Economia da Longevidade: uma revisão da bibliografia brasileira sobre o envelhecimento populacional*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/desenvolvimento_humano/Downloads/JorgeFelix.pdf> Acesso em: 10 abril.
- Ferreira, M. E. M. P. (2001). Ciência e interdisciplinaridade. In I. C. A. Fazenda, *Práticas interdisciplinares na escola* (p.19-22). São Paulo: Cortez, p. 19-22.
- Freire, P. (1998). *Professora sim, tia não – Cartas a quem ousa ensinar* (9. Ed). São Paulo: Loyola.
- Guazina, F. (2014). Do consultório às ruas: o compromisso social nas práticas do(a) psicólogo(a). *Entre Linhas*. Porto Alegre, ano XIV, n. 67, p. 6 – 8, Jul. Ago. Set.
- Lewin, K. *Field Theory in Social Science*. (1952). In D. Cartwright (comp.). Londres: Tavistock Publications.
- Lima, L. O. (1984). *A construção do homem segundo Piaget: uma teoria da educação*. São Paulo: Summus.
- Machado, B. C. L., Bergamaschi, M. R., & Pardo, E. R. (1976). Interdisciplinaridade como solidariedade: desafio à formação de professores. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, v. 1, n. 1.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moreno, J. L. (1951). *Sociometry: experimental method and the science of society*. Nova Iorque: Beacon House.
- Neri, A. L. (2014). Saúde e envelhecimento: prevenção e promoção. As necessidades afetivas dos idosos. In: *Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social*. Retirado em 15/05/2015, de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/livro_envelhecimentoFINAL.pdf>
- Osório, L. C. (2013). *Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas*. Porto Alegre: Artmed.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed.

- Rios, T. A. (2001). *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez.
- Rosa, J. G. (2001). *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rueveni, U. (1979). *Networking families in crisis*. Nova Iorque: Human Science Press.
- Santos, G. (2011). *Como escrever um relato de experiência*. UNIRIO. Retirado em 15/05/2015, de www.bing.com/serch?q=modelo+De+relato+De+experiência&FORM=R5FDS.
- Shiroma, E. O., Moraes, M. C. M., & Evangelista, O. (2000). *Política educacional*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Sluzki, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, A. R. (2002). *Práticas pedagógicas e prática de ensino*. Florianópolis: UDESC.
- Speck, R. (1987). La intervención de red social: las terapias de red, teoría y desarrollo. In M. in Elkaim, op.cit., 1987. Family Networks. Nova Iorque: Vintage, 1973

Endereço para correspondência

marisa@uri.edu.br

Enviado em: 28/02/2018

1ª Revisão em: 09/03/2018

2ª Revisão em: 16/04/2018

3ª Revisão em: 19/06/2018

Aceito em: 25/06/2018